

A FORMAÇÃO DO PASTOR

Em um dos proveitosos encontros de diretores e capelães promovidos pela JET com o objetivo de congraçar os seminários, unificar-lhes o pensamento e a linguagem e, acima de tudo, harmonizar-lhes a prática teológica reformada para que a grade curricular unificada efetive-se de fato, o que já se faz de direito, em todas as nossas “casas de profetas,” tanto nas áreas didáticas, pedagógicas, lingüistas e de cultura geral como nas de matérias teológicas bíblicas e confessionais. Notava-se, por outro lado, acentuada preocupação com a piedade e a fidelidade de educadores e educandos. Minha atenção voltou-se para o quesito piedade atual e futura à vista das propostas de mudanças na educação teológica e à diferença estrutural e social entre seminário e Igreja local.

PREOCUPAÇÃO COM A PIEDADE.

Notou-se uma justa preocupação com a piedade individual do seminarista e coletiva do seminário. De fato, estamos vivendo tempos de personalismos e individualismos. As pessoas, tanto social como religiosamente, “cuidam” de si mesmas, do bem estar pessoal; fazem tudo para “terem o máximo possível”, inclusive as “maiores bênçãos espirituais”, recebidas mediante permutas financeiras com a divindade invocada, dentro do princípio utilitário: “É dando que se recebe”. Do individualista supostamente piedoso, ouve-se frequentemente: *Eu não preciso de Igreja; preciso somente de Cristo*. Separam Cristo da Igreja, como se a cabeça, no mundo visível, físico e fenomênico, pudesse expressar-se sem corpo.

A manutenção da piedade individual é necessária, mas dentro da comunhão eclesial, da fraternidade comunitária. Um piedoso sem Igreja é como um ramo decepado da videira, uma pedra fora do edifício, um órgão extraído do organismo. Podemos dizer, sem medo de errar, que a Igreja pia forma-se, estrutura-se, vive e se multiplica por meio de piedosos, isto é, servos de Cristo verdadeiramente consagrados. O elo entre o seminarista e sua Igreja de origem não pode ser interrompido, mesmo que ele estagie em outras comunidades. Quando a comunidade-mãe isola o seu filho seminarista nos duros escaninhos do seminário, e o seu tutor o abandona, sua piedade eclesial enfraquece, podendo até fenecer, dando, outras vezes, lugar a um pietismo individual egocêntrico e antropocêntrico, uma religiosidade de suplicantes de bênçãos celestes, não de verdadeiros adoradores.

O seminário, em virtude de sua rotatividade e de naturais escalonamentos intelectuais, além dos pesadíssimos encargos curriculares e da diversidade de procedência (alunos de comunidades diversas e variadas regiões culturais), jamais será uma comunidade similar à Igreja local, de

onde emergem os estudantes de teologia. Além de tudo, os “sermões de prova” e as “exegeses”, necessariamente criticados pelos mestres, dão ao aluno um tratamento mais acadêmico que piedoso ao texto bíblico, enfraquecendo sensivelmente a piedade. Fazer, pois, do seminário um ambiente religioso, e até com graus acentuados de piedades individuais não é difícil; o praticamente impossível é fazer dele (o seminário) uma comunidade eclesial, um corpo místico unificado, uma Igreja.

Um seminarista estagiário não deve ser recebido pela Igreja como um “contratado”, um “aprendiz”, como alguém que mereça correção e censura, mas como um “irmão” que se integra na família para crescer com ela.

Há anos, vi um enorme aglomerado em torno de um caminhão, de cuja carroceria pessoas atiravam peixes para a multidão em uma quarta-feira da Semana Santa. Cada um estava ali para pegar o seu peixe, e os melhores possíveis e na maior quantidade que pudesse. Não havia comunidade; havia apenas público, aglomeração de pessoas interesseiras. Assim são muitas igrejas modernas: ajuntamento de “buscadores” de bênçãos pessoais e familiares. A demonstração individualista de piedade para fins utilitários é patente. Não há comunidade, não há compromisso comunitário, não há piedade eclesial; há conquista de espaço social e de bens materiais. Alguns alunos chegam ao seminário com semelhante espiritualidade laica, mas na esperança de receber o poder de ser “um doador mediatário de bênçãos”, capaz de ser imperativo diante de Deus, um “arremessador” de benesses divinas para as almas súplices dos supostos fiéis. Enquadrar tais alunos na piedade real é trabalhoso. A tradição é mais forte que a instrução reconstrutora. O digo não é suposição, mas constatação. É mais fácil Igrejas socializadas pelo mundo e contaminadas pelo liberalismo ou pelo neopentecostismo influenciarem pastores e seminários que sofrerem influência deles. Falta-nos defesa orgânica interna para resistirmos e vencermos os ataques externos, as infestações ambientais.

Educação piedosa. O ideal seria, a nosso ver, que a piedade implantada nos seminários e estimulada por eles fosse real, existencialmente cristã, não somente mística, emocional e sentimental; uma piedade firmada na fidelidade irrestrita a Deus, às Escrituras, aos princípios básicos da fé reformada, à doutrina, ao governo, à disciplina e às normas litúrgicas da Igreja Presbiteriana do Brasil; uma piedade, por outro lado, que retrate a vida cristã autêntica, expresse a moralidade, a decência, a honra, a dignidade, o amor aos irmãos, o respeito ao semelhante, a harmonia familiar, a consagração a Cristo Jesus, a dedicação à Igreja da qual é membro..

O Culto semanal.

Os seminários precisam de um horário semanal de culto, que não seja de natureza curricular e expressão acadêmica, mas de caráter estritamente devocional, teológico, bibliológico e cristocêntrico, que pendule entre dois pólos fundamentais: Adoração a Deus e edificação do adorador, no qual participem todos os seminaristas, inclusive as famílias dos casados residentes nos alojamentos da instituição.

PREOCUPAÇÃO COM A CONFSSIONALIDADE.

A inconfessionalidade está lenta, mas inexoravelmente, invadindo as comunidades presbiterianas. O respeito à cultura e às tradições reformadas está desaparecendo. O arminianismo prático, expresso nos apelos às “decisões” e contido em muitos de nossos hinos apelativos e até “corinhos” com raízes e procedências externas invadem nossos arraiais. Muitos pastores contribuem, ignorando a escatologia amilenista da Confissão de Fé de Westminster e de seu complementar e interpretativo Catecismo Maior. As “equipes de louvor”, muitas delas inspiradas na música “gospel” do neopentecostismo, introduzem no culto a sentimentalidade emocional, a hilaridade sensorial e as várias teologias do carismatismo adjacente, além de fazerem o templo assemelhar-se a um clube recreativo com estridência de sons eletrônicos e percucionismo exacerbado, não para marcar o ritmo melódico, mas o das danças e das coreografias. A Igreja torna-se tão eclética, que não se pode mais, nas escolas dominicais e nos estudos bíblicos, discutir doutrinas apologéticas, sobre as quais temos posições definidas e divergentes, como, por exemplo, sabbatismo, pedobatismo, predestinação, escatologia, glossolalia e até espiritismo. O medo de “escandalizar” o “irmão” aderente ou visitante impede a fidelidade doutrinária e a formação de uma comunidade autenticamente confessional. Não falo de todas as comunidades presbiterianas, mas de muitas. Há também pastores excessivamente preocupados com estatísticas e preservação de cargos e menos ocupados com a edificação do rebanho, razão pela qual são extremamente concessivos e tolerantes, permitindo a lenta promiscuidade doutrinária de suas ovelhas. Alguns deles vão além: tomam atitudes contrárias ao regime de sua denominação como, por exemplo, ministrar os elementos da Santa Ceia a crianças, modificar (inovando) as celebrações sacramentais, desprezar os Princípios de Liturgia, pentecostizar a comunidade. Um candidato ao ministério, retirado de uma igreja sem confessionalidade, trabalhoso se torna confessionalizá-lo. Fazer dele um calvinista intelectual é relativamente fácil, mas transformá-lo em eclesiólogo pragmático reformado é difícil.

Confessionalidade ameaçada. A confessionalidade da Igreja está ameaçada por forças externas que, aos poucos, internalizam-se. Os indenominacionalismos entram pelas portas dos “louvores jovens”, dos

liberalismos éticos e teológicos bem como pelo sucesso multitudinista das seitas utilitaristas antropocêntricas, nas quais se priorizam o terreno, o material e o temporal em detrimento do espiritual e do eterno. A esperança de reversão desse quadro reside, ainda, nos seminários, mas até quando, não sabemos. Três insurgências militam contra ela: A profissionalização dos pastores, a oficialização dos seminários, a academização secular dos candidatos ao ministério pastoral.

Profissionalização dos pastores. A ânsia de **ter** e de **ser**, em prejuízo da disposição vocacional de **servir**, de **consagrar-se** e de **submeter-se**, tem levado muitos seminaristas a “optarem” pelo curso de teologia, mirando a “validação do diploma” com vistas a futuros encargos ou empregos que lhes possibilitem maiores “rendimentos” monetários ou, pelo menos, complementarem as côngruas pastorais. Dizem: O mundo mudou; as exigências de conforto, estabilidade financeira e garantia previdenciária são necessidades modernas imprescindíveis, imperiosas. O custo de uma vida hoje é elevadíssimo, a educação de filhos é onerosa. O pastor, que se enquadrar na elite intelectual do país, precisa ter um “padrão de vida” compatível com o seu nível, principalmente para dar aos seus descendentes “conforto”, segurança e boa formação. Pastores que pensam assim, comunicam às suas Igrejas os mesmos conceitos, a mesma filosofia materialista de vida. Influenciadas, as comunidades passam a restringir os óbolos ministeriais e a estimular seus ministros a terem “empregos seculares”, pois lhes serão “uma bênção,” acreditam. O crédito na capacidade e nas potencialidades humanas supera a confiança em Deus, a certeza de que ele é Senhor provedor e amparador de seus servos, principalmente de seus ministros. Renúncia sem recompensa imediata inexistente; no moderno mundo do ter é inimaginável. Ministério é trabalho, e todo trabalho deve ser justo e correspondentemente remunerado, além de reconhecido. Renúncia do “eu” e dedicação integral e incondicional do pastor a Deus e à sua Igreja são coisas do passado, da era pré-tecnológica, tempo da Igreja rural, da simplicidade de costumes. Os ministros heróis do passado são inspirativos, mas não exemplos para os pastores modernos e modernizados. Segundo eles, tudo mudou, inclusive a Igreja de Cristo. A própria Bíblia deve ser submetida à nova visão de mundo, a um novo discurso, à transculturalidade.

Oficialização dos seminários. Segundo informação, embora verbalmente comunicada a diretores e capelães dos seminários, há documentos em estudos para vincular os nossos cursos de teologia ao Ministério de Educação e Cultura, que passará a fiscalizá-los, inclusive, certamente, quanto ao seu “sectarismo denominacional e confessional.” Ser-nos-á extremamente desagradável presenciar “fiscais” da educação, alguns deles (possivelmente) tabagistas, beberrões e ateus, fiscalizando nossas “casas de profetas (?)”. Além do mais, haverá possibilidade de

sermos obrigados a aceitar alunos de todos os credos, inclusive daqueles incompatíveis com os postulados da fé cristã reformada. Pior de tudo, é provável que tenhamos de incluir no quadro de professores mestres e doutores formados em seminários não presbiterianos e até não evangélicos, fazendo voltar às nossas casas de profetas o indesejável liberalismo, que nos custou tão caro eliminá-lo. Se a confessionalidade já está prejudicada, ficará mais ainda, podendo vir a ser danificada seriamente, se não eliminada, fato que repercutirá desagregadoramente em nossas comunidades, já tão afetadas pelo ecletismo doutrinário e pelo antropocentrismo de nossos tempos.

Nossos seminários são, e devem continuar sendo, denominacionais e confessionais no estrito sentido reformado calvinista. Seus cursos precisam continuar tendo, em decorrência de sua teologia bibliocêntrica, a aprovação e a ampla credibilidade da Igreja.

O sistema híbrido. Há também, segundo as mesmas fontes, em curso nos meios eclesiásticos oficiais, um modelo híbrido: O aluno faria três anos (ou quatro) em um seminário oficial, isto é, reconhecido pelo MEC, em matérias acadêmicas como filosofia da religião, psicologia religiosa, antropologia bíblica, hermenêutica, homilética, grego, hebraico etc; receberia o diploma registrado pela Secretaria Estadual da Educação e Cultura; depois cursaria, durante dois anos, as matérias confessionais em seminário confessional remanescente: teologia bíblica, teologia sistemática, exegese, vocação, constituição e ordem, teologia pastoral e outras.

Híbrido, na biologia genética, pode ser produzido, mas não reproduzido. É o caso do burro, filho de égua com jumento, que é estéril. Tememos pela esterilidade pastoral verdadeiramente confessional de tal hibridismo. Tudo indica que teremos bacharéis, mas semi-teólogos e pouco interessados no autêntico pastoreio da Igreja, pois se formam mais preocupados com o futuro pessoal e familiar que realmente com as ovelhas de Cristo. Além do mais, recebem prolongada formação acadêmica, e apenas um “verniz” teológico de dois anos. Certamente teremos pastores enfatuados de saber geral, mas pouco preparados em teologia, especialmente a confessional.

Pastor, separado por Deus para servir a Igreja.

O curso de teologia é para o pastor servir bem e eficientemente a Igreja de Cristo, não a si mesmo, aos seus propósitos imediatos e ao mundo. Os conhecimentos teológicos do ministro são avaliados pela Igreja mediante o Presbitério, quando se dá a verdadeira “validação”, a eclesiástica, de seu diploma; isto é, o curso passa a ter “validade” real diante da Igreja a partir da aprovação do concílio competente e conseqüente “ordenação.” Os vocacionados das gerações anteriores à nossa já cursavam teologia, cientes de que seus diplomas não seriam reconhecidos oficialmente, mas profundamente aceitos, valorizados e respeitados pelas

igrejas; e eles faziam jus a tais encômios no exercícios de ministérios pastorais consagradíssimos e, em consequência, efficientíssimos. Foram homens, em geral, que não amaram a si mesmos, não foram influenciados nem conduzidos por valores e bens materiais, pois estavam nas mãos de Deus para evangelização das almas e edificação do povo de Cristo. Alguns foram literatos de escol, outros lingüistas respeitáveis, mas todos bons missionários, pastores amáveis, conselheiros pacientes, doutrinadores inigualáveis.

Entendemos que Cristo vocaciona e prepara mestres e doutores para a sua Igreja, não para a sociedade secularizada, pois esta tem os seus intelectuais a serviço dos dons gerais, conforme a graça comum que Deus concede aos homens para estruturação, manutenção e progresso do mundo. A Igreja de Cristo está no mundo, mas não se confunde com ele, nele não se funde, dele não ouve a voz nem segue sua ética. Ela é, ou deve ser, completamente distinta como serva de Deus, incontaminável, incorruptível.

Deus elegeu um povo, e escolhe seus ministros.

Deus tem um povo exclusivamente seu, não à parte do mundo, mas distinto dele, com governo próprio e vários ministérios. Como ministros dos ministros, o Senhor da Igreja, segundo os seus propósitos, escolhe homens, habilita-os e os separa para o pastoreio, para viverem exclusiva e especificamente do rebanho e para o rebanho, dentro do princípio bíblico de que o sacerdote e o levita teriam de viver do templo e dos dízimos (cf Dt 18. 1-6 cf Nm 18. 1ss). Os homens, seguindo os ditames de suas conveniências, argumentam que tal imposição divina restringe-se ao Velho Testamento, não são aplicáveis hoje, pois os tempos mudaram. Mudaram mesmo: mundo e Igreja consorciavam-se ou, no mínimo, coabitam em um ambiente religiosamente promíscuo e doutrinariamente indefinido. Paulo, porém, entende que Deus não mudou, pois é imutável, mantendo no Novo Testamento o mesmo princípio. Eis o que ele afirma: *Não sabeis que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o Evangelho que vivam do evangelho (I Co 9.13,14 cf I Co 9.7-10; cf Mt 10.10; Lc 10.7).* O pastor é ordenado a viver do evangelho; a Igreja é ordenada a sustentar o pastor, pois ele é homem da Igreja para que ela se expresse eficientemente no mundo. Para o seu povo separado, Deus separou ministros, cuja herança, dever e privilégio é servir a Igreja: eles no interior do corpo místico de Cristo; o corpo no interior da sociedade.

Pastorado não é profissão com carga horária prevista ou prestação de serviços remunerados; é ministério de vocação e chamamento exclusivos para o pastoreio diuturno do rebanho: Nas vigílias diurnas, apascentamento e beberagem; nas noturnas, vigilância, proteção e cuidados. O pastor não

tem vínculo empregatício com a Igreja; seu vínculo é indissolúvel com Jesus Cristo, o Supremo Pastor das ovelhas, e com sua Igreja. Deus tem os crentes nos meios sociais como sais, luzes e fermentos do mundo; e tem o pastor no meio dos crentes como pai espiritual, mestre e guia moral e religioso. Assim está constituída a Igreja, não a mudemos, segundo nossas visões, nossos interesses, nossas necessidades.

Para que o pastor seja realmente pastor; e preparar uma igreja para ser verdadeiramente igreja bíblica, reformada e calvinista, os seminários, no meu entendimento, têm de ser obrigatoriamente confessionais com duração mínima de cinco anos e curso a nível de bacharelado.

O que temos. Não se nega que temos um cabido de pastores, mestres e doutores realmente piedosos, competentes e confessionais. Necessário se faz mantê-los, dar-lhes espaços expressivos no ministério e no magistério, aumentar-lhes o quadro com novos pastores à altura da tradição presbiteriana. Aos seminários cabem o papel e o dever de tais renovações.

Imagino que se os nossos seminários vincularem-se ao MEC, o distanciamento da Igreja, mais do que agora, será considerável, enfraquecendo, presumo, a piedade e a fidelidade comunitária e, conseqüentemente, a individual. O benefício aos futuros ministros, presumivelmente, redundará em malefícios para a Igreja de Cristo. Os focos bipolares dos seminários devem ser a Igreja e a sua missão no mundo, não exatamente o pastor e sua vida social. O pastor que cuida bem da Igreja, a Igreja cuida bem dele. Deus alimenta o pastor por meio de seu rebanho.

Nostalgia. Cristo incluiu-me no seu povo militante em 1946. Naquele tempo, o cristão prestava um culto solene, respeitoso e reverente no templo e um culto testemunhal no mundo. Odiava-se o crente, porém, admiravam-se o seu comportamento, sua lisura, sua palavra firme, irretocável e irretratável, sua fidelidade conjugal, sua honestidade no cumprimento de seus deveres. Os protestantes, homens e mulheres, eram pessoas de absoluta confiança. No templo e fora dele o servo de Deus era um cultuador, servindo o seu Senhor na Igreja e no mundo. Confiava-se no crente: era o melhor patrão, o melhor empregado, o melhor cônjuge; tudo por ser autêntico servo de Cristo. Hoje, na maioria dos casos, o bom crente, admirável por sua “piedade”, é aquele que apresenta nos cânticos, nas orações exorcistas e taumatúrgicas, nas supostas profecias, nas “danças litúrgicas”, nas coreografias e até na glossolalia, larga desenvoltura mística e convincente piedade templária; angariam multidões com promessas de curas, bens materiais, bens conjugais e benesses celestes. Fora dos cultos místicos e hiláricos, na sua vida diária – doméstica e secular- em nada se diferencia dos mundanos. Não há lugar nessas igrejas mercantilistas para a verdadeira piedade, para a fidelidade autêntica, para a verdade sem jaça da Palavra de Deus. Quanto mais longe da cruz, mais perto da glória temporal.

Esses tipos de crentes, voltados à materialidade, ao ludinismo, ao hedonismo, ao antropocentrismo e ao socialismo estão longe, e muito longe, de serem verdadeiros servos de Cristo, de honrarem os epítetos de “fiéis” e de cristãos. A Igreja do século passado não era “animada” no culto-festa ou culto-pagode, mas era animada no testemunho, na consagração, na fidelidade, na santificação, na veracidade e na evangelização. Não se ouvia falar em crente desonesto, infiel e mentiroso. Os pastores levavam vida modesta,. Não dispunham de elementos e equipamentos facilitários como os dos dias atuais: Telefone, computador, note-book, Automóvel, residência confortável, televisão, estradas asfaltadas, rápidos meios de locomoção... Pastoreavam a pé, a cavalo, de charrete. Cobriam vastos campos pastorais, levando a palavra viva da fé, da esperança, do consolo e da salvação às almas sedentas dos rincões de nossa pátria. Eram homens sem vaidade, sem presunção, sem apego à materialidade, pois a fidelidade a Deus e a dedicação exclusiva a Cristo ocupavam seus corações e dominavam suas ações. Lembro-me deles com saudade, mantendo na estrutura de minha formação seus exemplos, suas mensagens e suas inapagáveis paternidades espirituais.

Apesar de todos os esforços dos seminários, ainda deles saem pastores mal formados, que portam os nomes das instituições, mas não os honram. Como a Igreja, também os seminários contêm não vocacionados e até não escolhidos. Judas Iscariotes foi apóstolo, mas não servo de Cristo, nem eleito. O ministro de meus tempos de adolescência era um extraordinário sementeiro da Palavra de Deus, e as igrejas nasciam conforme a soberana determinação de seu Senhor; e como nasciam!!!

Quem mais pode ajudar o seminarista é o seu tutor, que é mais do que seu representante junto ao presbitério, é seu pastor. O aluno perde muito de sua piedade original no primeiro e segundo anos de seminário, época em que precisa muito de ajuda espiritual. Não lhe basta a capelania; devem estar com ele a sua Igreja, o seu pastor, o seu tutor e, principalmente, a sua família. Quando cada professor de seminário leciona como pastor, não como elemento neutro, o aluno é muitíssimo beneficiado espiritualmente e, conseqüentemente, o seu futuro ministério.

Quando o pastor é piedoso e fiel, comunica pelo exemplo e pelo ensino piedade e fidelidade à Igreja. Não é suficiente o ministro de Deus ser intelectual e profundo conhecedor da Escritura; ele, necessariamente, precisa estar submisso a ela, vivê-la e pregá-la com honestidade, fidelidade e contextualidade. Ele deve agasalhar, não só na mente, mas, e principalmente, na alma o sacratíssimo primado: “A Bíblia é nossa única regra de fé e norma de conduta”.

O seminarista, quando é escolhido e vocacionado por Deus, forma-se para Deus e terá um ministério frutífero e abençoado. Quando a si mesmo se vocaciona, forma-se para si mesmo, e a Igreja ser-lhe-á um meio de

sobrevivência financeira e promoção social. E a sua luta não será para chamar ao reino de Cristo as ovelhas preordenadas à conversão, mas para encher a Igreja de contribuintes pelos maíus mais atrativos de que dispuser. A Igreja de tais monetaristas é um corpo muito inchado, com impressionante volume, mas pouco peso e precaríssima saúde moral e espiritual.

Temos, constataavelmente, os seguintes tipos de pastor:

1- **O vocacionado** por Deus, educado para condução de seu povo, renunciador de si mesmo, dedicado exclusivamente ao rebanho de Cristo, vivendo da Igreja e para ela. Seu coração está posto em Cristo Jesus, não no deus das riquezas, mamom.

2- **O não vocacionado**, o que pensa em si mesmo, em seu bem estar, no seu futuro. Cursa teologia, não pensando na Igreja e nas almas perdidas, mas na garantia social e econômica. Já no seminário, está de olho na validação de seu diploma para fins utilitários, em ter mestrado e doutorado, para evitar o sacrifício pastoral de igrejas pobres e de campos inóspitos. Sonho final: ser professor universitário ou ter um rentável emprego público. O pior é que tais ministros de elite, de projeção secular, têm a admiração da Igreja, embora lhe sejam pouco úteis e alguns até prejudiciais.

3- **A vocação tardia**. Acredito na possível existência de “chamado tardio” daqueles que Deus, desde a eternidade, elegeu para a salvação e preordenou para a liderança pastoral de seu povo, mas decidiu chamar tardiamente; alguns em idade provecta. Há, porém, pessoas que, depois de bem ou mal aposentadas, a si mesmas se chamam para o pastorado, e efetivamente o assumem com dois objetivos, suponho: Primeiro, preencherem o vazio funcional e eliminar o tédio causado pela aposentadoria. Segundo, conseguirem complemento salarial para aumentar a renda mensal ou complementar os parcos benefícios de aposentado. Para esses, o amor à Igreja é menor que o amor a si mesmos.

4- **Os fracassados**. Um aspirante ao ministério, perante o conselho de sua Igreja, ao ser perguntado sobre o que o teria levado a sentir-se vocacionado para o ministério pastoral, respondeu: “Tentei todos os outros caminhos, as outras opções: fiz vestibulares para vários cursos, não passei em nenhum deles, apesar de ter estudado e orado muito. Cheguei à conclusão de Deus não me queria em profissões seculares; chamava-me para o ministério”. Será que Deus usa fracassos como meio de chamamento? Porventura Deus chama fracassados para o ministério pastoral? Esse fracassado passou no fácil vestibular para ingresso no curso de teologia. Chegou a ser pastor, mas fracassou no pastorado. Ouros falham em tudo que empreendem, chegando à conclusão de que os repetidos insucessos são sinais de que Deus os chamou para o pastorado. Conheci um mine fazendeiro que, no tempo do surto do “bicho mineiro”, sua

rentabilidade caiu a quase zero. Ele então concluiu que Deus não o queria na lavoura, mas no pastorado. Foi pastor de fraquíssimo desempenho. Resolveu seu problema pessoal, mas criou problemas para a Igreja.

5- **Pastor de gabinete.** Quando assumi o pastorado na zona rural do sul do Espírito Santo e parte do leste de Minas Gerais, as igrejas não possuíam “sala pastoral” e, muito menos “babinete Pastoral”. Atribuo este fato a duas causas: a- O pastor dispunha de pouco tempo para ficar na sede e, desse pouco, espaço temporal restrito para dedicar-se ao lar. A “pastora”, gestora e educadora da família era a esposa; e cumpria seus deveres com mérito. b- Os pastores cuidavam de seus rebanhos nos campos de apascentamento, no redil doméstico de cada ovelha, onde os problemas conjugais aconteciam, onde os conflitos familiares eram gerados, onde as necessidades espirituais emergiam. Nós não tínhamos folgas, pois a seara era grande; os rebanhos domésticos, dispersos; os meios de transporte e comunicação, precaríssimos; as necessidades e carências sociais, psicológicas e espirituais, imensas. Não tínhamos, nem podíamos ter, a chamada “segunda-feira pastoral.” Também, pelo que deduzo, o Tentador não “tira férias”: Tenta os servos de Cristo dia e noite. Resumo: Éramos pastores de campo, e a Igreja crescia. Hoje, uma parcela considerável dos pastores “faz plantão pastoral” refestelada em confortável poltrona. Lê-se em seus boletins dominicais: Atendimento no gabinete pastoral (ou sala pastoral), de x hora a x hora dos dias tais. A figura do pastor que procura as ovelhas enfermas, fragilizadas e desorientadas para socorrê-las está desaparecendo; persiste ainda nas zonas rurais e nas cidades pequenas, onde os pastores são mais humildes, sem a auréola de doutor. Nos tumultuados tempos modernos, as ovelhas é que devem procurar o pastor, que as aguarda, comodamente, em seu gabinete, agindo mais como psicólogo que como pastor. Nem todas as ovelhas, em seus momentos de dúvidas ou crises, socorrem-se do pastor-psicólogo, conselheiro técnico de “divã”, ainda que seus conselhos fundamentem-se nas Escrituras. A parte do rebanho que não se curva ao conselheiro de gabinete fica sem pastoreio, o que, presumivelmente, enfraquece o aprisco. Muitas “paqueras”, que podem terminar em adultério, começam no “gabinete pastoral”. No meu entendimento, gabinete pastoral é fruto de dois fatores: a- Psicologismo moderno, que coloca todos os problemas humanos nas mãos do próprio homem, retirando Deus do processo. b- Comodismo pastoral: Ficar “esperando” a ovelha carente é muito mais cômodo que ir ao encalço dela no seu universo vital, no mundo de seus padecimentos.

6- **Pastor de mídia.** Pessoas há que entendem que os seminários devem preparar pastores e missionárias para a mídia televisiva. As Igrejas que utilizam a televisão estão crescendo rapidamente e nós, presbiterianos, contentamo-nos com um crescimento pífio, mais vegetativo que por conversão. A nossa Igreja deve, efetivamente, utilizar mais intensamente o

rádio, a internet e a televisão, mas o nosso crescimento jamais atingirá o nível de popularidade das igrejas neopentecostais, cujos líderes carismáticos, em virtude da teologia arminiana, são apelativos, isto é, apelam à emoção, ao sentimento, aos desejos e aos interesses imediatos e temporais. Prometem um paraíso aqui e agora, uma vida de felicidade e glória sem renúncia, sem sacrifícios. O líder carismático é dotado de poder, acreditam os fiéis, para ser-lhes o “canal de bênçãos” em nome de Cristo, independentemente da fidelidade às Escrituras e da fé dos crédulos aderentes. Voltam ao princípio da idolatria das relíquias milagrosas das quais nos livramos, substituindo-as, todavia, por ícones como: água benta, óleo bento, lenços e toalhas bentos, gotas milagrosas, vale do sal grosso e muitos outros. Ícones supostamente “benéficos”, quando bem apresentados e bem divulgados, influenciam e atraem as massas desesperadas, desesperançadas e mal assistidas pelos poderes públicos; mas também chama a atenção dos gananciosos da classe média, os que entendem que o “ser” depende do “ter”. A nossa Igreja, ainda calvinista, não praticaria tais coisas. As mensagens bíblicas e doutrinariamente sérias, aos olhos do vulgo, não são muito atraentes nem muito desejáveis, ainda que o apresentador tenha boa aparência, boa fotogenia, boa dicção e boa locução. Apesar dos “senões”, sou de parecer que se dê aos vocacionados para o ministério de comunicação via mídia eletrônica formação específica em cursos especiais, ministrados por comunicadores cristãos habilitados. A mídia é um instrumento que Deus nos deu; utilizemo-la para divulgação do evangelho de Cristo, mas não a transformemos em geradora de “Igreja eletrônica”, constituída de público, não de servos de Cristo. Os centros e os alvos das atuais igrejas de mídia são a felicidade pessoal e a prosperidade financeira de seus iludidos fiéis. No entanto, são eles, os carentes arrebanhados, que fazem a felicidade e a prosperidade de seus caudilhos carismáticos.

Rigor nos exames. Os conselhos precisam ser mais criteriosos e rigorosos no exame de aspirantes ao pastorado. Os presbitérios não devem impor, precipitadamente, as mãos ordenadoras sobre candidatos mal preparados para o ministério e psicologicamente inadequados a ele. É preciso tratar com seriedade e bom senso o que é sério. Não colocamos sobre o que é nosso qualquer administrador. Por que não aplicamos o mesmo critério na escolha de ministros da Igreja de Deus?

A Igreja carece de bons pastores, mais do que de bons oradores.